

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Tathiba—Lisboa—Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

ABATTA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

De novo há: ainda os eléctricos

Val estar de novo, não há dúvida. O irritante conflito do aumento das tarifas dos eléctricos, que é uma das manifestações mais evidentes da decadência da que vai minando a organização capitalista da sociedade em que vivemos, qual já dificilmente permite que se solucionem, embora burguesamente, os problemas que mais contendem com os interesses do público.

O regime burguez da sociedade atinge o máximo da sua plenitude, e há de ter essa mesma plenitude que o há de notar, pois não tem possibilidade de expandir-se mais, sem provocar os maiores atritos, que pela constância com que vai repetindo-se, impulsionando os povos, ainda mal preparados, para o estabelecimento de novas e mais justas formas das sociedades humanas, nem que os interesses sociais e económicos não se choquem ferozmente, porque as não permitiram a existência de classes dominadoras e dominadas.

O problema da carestia da vida vai tomando proporções assustadoras. E' como que uma tremenda rede que vai arrastando os prevaricadores e os incontinentes para um abismo desconhecido, onde poderá sair tudo, menos uma sociedade baseada nos moldes da presente, que é origem das mais flagrantes injustiças.

Todos reconhecem que o aumento de salário não é medida eficaz para solucionar a carestia da vida, que avança em cessar, colocando os que vivem do produto do seu trabalho nas mais cruas condições, pois que não se lhes deixa outra saída que não seja lutar, com risco da prisão e dum tiro, ou deixar morrer de fome, porque os ricos e poderosos capitalistas não estão dispostos a suspender, um só momento, a sua nefasta acção de acumular milhões sobre milhões.

Os burguezes não querem fazer o menor sacrifício; o povo é que terá de sofrer todas as consequências da dolorosa crise que assoberba o mundo e o resultado de tam revoltante atitude não poderá deixar de ser funesto, especialmente para aqueles que tem que perder.

Um dos aspectos, e dos mais palpáveis, da horrível vida cara, é o que diz respeito ao da viação urbana, que interessa toda uma população, que tem a vítima da má-fé e da exploração duma empresa monopolizadora, que luctua com o público sofrendo com a mesma facilidade com que o faz com os lucros subservientes.

Porque o pessoal, miseravelmente remunerado, reclamou aumento de salário, a Companhia Carris de Ferro tratou de descarregar o peso da dor sobre o público, ao mesmo tempo que encontrou ensejo de obter maiores lucros à sombra das reclamações dos empregados, que seriam roubados, sem dúvida, nas contas de grande capitão de os burguezes costumam fazer; E' também o Estado—eles entendem-se bem!—lucrou com o negócio, porque foi buscar um lucro de alguns milhares de contos ao imposto do selo, que o público paga.

Foram aumentadas, por uma forma escandalosa, as tarifas dos eléctricos; a Companhia não deu, até agora, ao pessoal senão 50 % do aumento a que se havia comprometido, e apesar disso, declara não estar satisfeita, pois ficou o aumento obtido ainda não chega para as suas ambições, conduzindo-se a forma que, por certo, o conflito vai surgir, porque, não podendo arrancar a algebrada da população tudo quanto quer, ela começa por descarregar toda a sua ira contra o pessoal, retirando-lhe a pequena regalia que havia conquistado, levando-o fatalmente a manifestar-se, arremessando-o para uma nova greve, processo que está sobejamente reconhecido como sendo um círculo vicioso, que não soluciona as questões, criando-as e protelando-as as mais das vezes, mas que é o único caminho a aplicar a estas afecções da vida difícil e dura, porque a intervenção cirúrgica não poria tudo no seria a Revolução Social, e nessa nenhuma dos que brama contra as greves quer ouvir.

Em face do novo conflito, resta ver a atitude do público, que, naturalmente, voltará contra o pessoal, porque é a parte mais fraca, aquela que não é protegida pelas metralhadoras da guarda republicana e que não tem dinheiro para comprar o apoio venal de certa gente, que perdidamente envenena as melhores intenções.

O que vai ser a atitude da população, faz-nos recordar aquela que tomou o público em Madrid, quando a companhia de viação eléctrica dessa cidade, pretendendo, nos primeiros dias deste mês, aumentar o preço das carreiras.

Os governantes não se atreveram a opor-se à pretensão da empresa, antes tomaram uma atitude dúbia, mas o que aqueles não puderam ou não quiseram resolver, resolveu-o o povo madrileño, recusando-se, com uma obstinação admirável, a satisfazer o citado aumento.

A empresa da viação eléctrica de Madrid já há tempo que vinha preparando o terreno para conseguir aumentar as tarifas, o que foi anunciado para o dia 1 do corrente mês. Na véspera, por coincidência ou por cálculo da companhia para provar a necessidade do aumento para reforma do material, o serviço foi péssimo, parando os carros na via pública, com grandes demoras e repetidas vezes.

Os passageiros exasperavam-se, dando-se diversos conflitos em que interveio a força pública, e à noite a população estava sobremaneira irritada contra a companhia, a ponto que, seguindo uns seis carros uns após outros, na rua de Diego de Leon, uma nova paragem por motivo da falta de corrente fez explodir com a maior violência a indignação dos passageiros, que, juntando-se a um numeroso grupo de pessoas que esperavam transporte nos carros, se arremessaram com fúria na sua destruição, lançando-lhes fogo, pelo que ficaram inutilizados cinco.

Pois, apesar deste acto de desespero, a companhia não desistiu de realizar o aumento das tarifas, mas o público, senão se lançou em novas destruições, como na véspera, tomou uma atitude nobre; recusou-se terminantemente a pagar o aumento.

Os conflitos foram inúmeros, as autoridades intervieram por vezes brutalmente, mas a solidariedade que se estabeleceu entre os passageiros conseguiu quase sempre fazer-lhes recuar nos seus propósitos. Alguns elementos da força pública, mais inteligentes, mostraram um certo apoio ao procedimento da população, e, assim, durante o dia quase toda a gente viajou de graça, pois só os timoratos se prestaram a não seguir o exemplo.

Valha a verdade dizer-se que, infelizmente, a atitude de bastantes empregados foi mais digna de directores da empresa que de trabalhadores vítimas da exploração capitalista. Mas o que não sofre dúvida é que a brilhante atitude dos madrilenos conseguiu resolver a questão, que os políticos iam deixando eternizar-se, talvez na intenção de que o povo se cansasse e aceitasse o aumento que a companhia queria impor.

Pois sim, senhores: o povo de Madrid fez quase uma revolução para obter o aumento das tarifas dos eléctricos, e conseguiu-o.

O que fará o de cá, se por ventura vier a estabelecer novo conflito? Provavelmente sujeita-se a tudo, porque é muito patriota e temente a Deus...

Mandam os armadores!

Uma violência que se mantém

Como dissemos, veio sob prisão para Lisboa o nosso camarada Francisco Faxella, presidente da Associação dos Marinheiros de Olhão, vítima dos ódios dos armadores daquela vila.

O referido camarada, que, como noticiámos, fora preso em Olhão, foi pouco depois da sua captura conduzido para Faro, onde permaneceu 20 dias nos calabouços do governo civil, vindo depois para aqui, permanecendo até anteontem numa das enxovias do governo civil, até que foi transferido para um calabouço da Boa-Hora.

Com estas mudanças constantes, certamente muito do agrado dos seus seguidores, não sabemos o que pretendem fazer do camarada Faxella, pois nada há que justifique tal procedimento e muito menos a sua captura, porquanto de nada o podem acusar a não ser de exercer o cargo de presidente da referida associação e defender os interesses económicos dos respectivos associados.

Prepararam, porém, os armadores de Olhão um processo com que o pretendem inutilizar, mas cremos que isso não sucederá porque as acusações em que as almas danadas se baseiam não podem por forma alguma subsistir, em virtude da sua nenhuma razão e do seu demonstrado e claro espírito de vingança.

Se neste país o culto pela Justiça não fosse, por parte dos governantes, uma simples ficção, Faxella estaria há muito em liberdade, provada como está a inocência da acusação.

Prepararam, porém, os armadores de Olhão um processo com que o pretendem inutilizar, mas cremos que isso não sucederá porque as acusações em que as almas danadas se baseiam não podem por forma alguma subsistir, em virtude da sua nenhuma razão e do seu demonstrado e claro espírito de vingança.

Se neste país o culto pela Justiça não fosse, por parte dos governantes, uma simples ficção, Faxella estaria há muito em liberdade, provada como está a inocência da acusação.

Prepararam, porém, os armadores de Olhão um processo com que o pretendem inutilizar, mas cremos que isso não sucederá porque as acusações em que as almas danadas se baseiam não podem por forma alguma subsistir, em virtude da sua nenhuma razão e do seu demonstrado e claro espírito de vingança.

"TUBARÕES" A VISTA... ALTO LÁ COM OS BICHOS!

Eles teem a bagatela de 7:260\$00 por ano || Aos contratados negam a ajuda de custo de vida

Prometeram-nos há dias o nosso entrevistado da Caixa Geral dos Depósitos dar-nos mais esclarecimentos sobre os factos verdadeiramente escandalosos que se verificam naquele estabelecimento do Estado e que tam pouca atenção merecem dos governantes. Os nossos alarzes e o restrito espaço de que dispomos não nos permitiram há mais tempo procurar o amável informador, que tam interessantes revelações nos fez.

Mas como os escândalos perduram, o que deu lugar a alguns jornais fazerem várias referências, embora leves, à nossa última entrevista, confirmando até o que nos havia dito o nosso amigo, tentámos mais um encontro, não nos sendo muito difícil entabolar outra palestra, na qual novos elementos colhemos para satisfazer a justificada curiosidade dos nossos leitores.

Para os administradores, o superfluo; para os contratados, nada

Como se sabe, depois da publicação da anterior entrevista, subiu ao poder um novo governo, com promessas de tudo moralizar e que declarou fazer só política verdadeiramente democrática. Quizemos por isso saber se alguma rajada de moralidade havia penetrado na Caixa Geral de Depósitos, onde tantas incongruências se praticam, e se, por consequência, algum influxo benéfico essa mesma moralidade havia produzido nos destinos daquele estabelecimento.

Tudo como dantes!—começou, num misto de desolado e revoltado, o nosso amigo. Ao governo não importa o que vai pela Caixa Geral de Depósitos, porque ela é agora um feudo dos altos aílados do regime, à testa dos quais se encontra o sr. Daniel Rodrigues, figura marcante no P. R. P., que é o principal administrador da Caixa. Aquilo é uma verdadeira concessão africana. Basta dizer-lhe que é um serviço que dá mais de 2:500 contos de lucros líquidos. Poucos serviços tem o Estado assim, e nenhum outro onde o pessoal seja tam maltratado no respeitante a remuneração e regalias.

Na verdade tal procedimento representa um escândalo, tanto mais desde que não se olha à situação desesperada do pessoal, apesar de haver lucros tam fabulosos. Mas continue.

Os fabulosos ordenados de 7:260\$00 dos administradores, contrariamente ao que dispõe a lei 888, que tal não permite, e a situação irregularíssima do sr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*, mantem-se imperiturbáveis. Não há mal que lhes chegue. Este último senhor continua, como sempre, a não prestar serviço, pois não põe pé na repartição, e a receber os seus 226 escudos, incluindo a ajuda de custos... Tenho agora todos os porteiros do estranho caso, mas convém que ele apareça primeiro, com toda a simplicidade, à luz da publicidade, para se ver a vista desarmada. Espanta-o este caso, não é verdade?

Realmente—avancamos nós.—E' que evidencia bem a nenhuma autoridade moral de certas campanhas de ordem, moralização e trabalho... para os outros, que aquele senhor tem levantado no jornal que dirige.

Tudo isto é extraordinário e dum flagrante incoerência. Mas por agora tratamos do caso levemente, pois o assunto há de ser aprofundado. Dir-lhe hemoos que continua a não se pagar a ajuda de custo ao pessoal contratado,

NOTAS & COMENTARIOS

Pedidos...

Sabemos que a Associação dos Chapelheiros do Porto telegraphou ao ministro de trabalho pedindo o rigoroso cumprimento da lei que regula o horário de trabalho.

Enquanto se limitar a pedir o cumprimento da lei pedida a associação estar certa que aquela será desatendida. Mas se souber usar dum bocadinho de acção directa... dizem cá isto.

Propostas

O dr. sr. António Cabreira, segundo informação que nos chegou, entregou ao chefe do governo um alvitre acerca do modo pratico de actualizar scientificamente as contribuições predial, rústica, urbana e industrial, tornando progressivo o imposto de rendimento e condemnando, como injusta, a proposta relativa aos lucros da guerra.

Deve ser interessante a proposta do sr. Cabreira, tanto mais que é científica, e é sabido que aquele senhor é exímio nas sciencias, sobretudo nas de arranjar voluntários da tração para substituir os operários que reclamam...

Humanidade...

Comunica-nos um dos nossos informadores o seguinte: "O comando geral da guarda republicana officiou ao ministério da justiça explicando o motivo porque não fornece escoltas para a condução de presos desde as 6 até às 24 horas. Diz que o não faz para evitar o espectáculo vergonhoso de à hora de grande movimento nas ruas os presos atravessarem a cidade sob baionetas e alçada para que se não dê o caso das praças da guarda serem forçadas a fazerem fogo sobre qualquer preso que tente fugir, pondo em risco os transeantes. No sentido,

apesar de em toda a parte os empregados em idénticas condições a terem recebido, e esta circunstancia deve-se especialmente à acção hostil desenvolvida pelos altos tubarões da administração da Caixa, sobretudo a Daniel Rodrigues, que se impôs ao anterior ministro das finanças para que não fosse paga aquela subvenção, enquanto ele recebia ilegalmente 7:260\$000 por ano, quando não pode receber mais de 4:500\$000!

—E' o pessoal sujeita-se a tudo isso, sem ao menos esboçar um protesto enérgico?—atalhamos.

O pessoal, em vez de reagir, vai-se emborra

—O pessoal, disciplinado como é, mostrando bem que nesta hora grave quem se porta mal é a chamada "gente de cima", imoralíssima e agarrada ao parasitismo, reclama das instâncias competentes, infrutiferamente, perante a vergonhosa cumplicidade do sr. Pina Lopes—o tal chefe de vontade de acatar—com a administração. De modo que o pessoal, para não morrer de fome, segue o caminho que as circunstâncias aconselham: arranja outras colocações.

—E' um recurso, sem dúvida, mas melhor seria reclamar sempre, com energia, porque tem do seu lado o direito e a razão, conservando-se nos seus lugares, pois justiça seria feita, disso temos certos.

—De acordo, mas procede como lhe aponta. Nestes últimos meses tem salido alguns empregados, aliás dos melhores, e outros lhes seguirão as pisadas. Os funcionários superiores, que não tem interesses materiais na desorganização e interiorização do pessoal, reclamam já pelo futuro com a fuga dos bons empregados...

—Mas isso é a selecção às avessas—completamos nós—e contrária à verdadeira democracia, a essa democracia tam proclamada nos tempos da omissão e agora tam desprezada.

—E' verdade. Porém, a Caixa é deles e por isso já não há cargos públicos que todos com competência tenham o direito de desempenhar, em face da Constituição da República, que não é igual para todos. Aquilo agora é só para os administradores arrumarem os seus aílados, com diploma de revolucionários civis. Enfim, pior que o tempo da monarquia. E' uma situação única nos serviços públicos.

—E' não surge, em meio de toda essa lama, algum que se interesse pela vossa causa, que vos faça justiça, para obstar a que reajais contra tantas prepotências?

—Olhe, meu amigo, com franqueza não sei. O actual presidente do ministério e ministro das finanças não pode alegar ignorância do assunto, porque algum lhe fez chegar à mão o último artigo de *A Batalha*. Como é, porém, corresponsário e amigo do sr. Daniel Rodrigues, é possível que tudo continue na mesma...

Como julgávamos ter elementos suficientes para hoje, por ali nos quedámos, esperando qualquer dia importunarmos novamente a nunca desmentida paciência do nosso informador, para nos aturar mais uns momentos, uma vez que não estamos resolvidos a deixar o assunto de mão enquanto a situação do pessoal contratado da Caixa se não modificar.

porém, de que a acção da justiça não lhes seja prejudicial, a guarda toda a sua carga a condução de presos desde que seja fornecida uma viatura apropriada, prontificando-se não só a dar o pessoal para a sua condução, mas ainda a cuidar da manutenção, conservação e reparação dessa viatura.

Muito humilíssimos os homens da guarda, não acham?

Ahi os inquéritos... Instigou-se e ontem, segundo nos comunica o nosso informador da Arcada, sob a presidência do sr. Cincinato da Costa, a comissão de inquérito à moagem e panificação. Os trabalhos devem ser iniciados brevemente.

Como se trata de inquéritos, e já mais feitos à Moagem e à Panificação, já sabemos o resultado que se apurará. E' senão, vê-lo-emos.

As comunicações internacionais Vão intensificar-se em breve

PARIS, 7.—Uma questão que o restabelecimento das relações económicas põe na ordem do dia é a reorganização das grandes linhas de comunicação internacionais.

Conversações particulares, já assinaadas para colocar em serviço novos comboios de luxo, o «Simplex-Orient-Express» e o «Paris-Praga-Varsóvia-Express». Outros comboios internacionais serão postos em circulação. Bordeus e Bucarest e Lyon a Turim e Milão, que economizará 400 quilómetros aproximadamente em relação ao actual trajecto.

Esta nova linha está ainda sujeita a modificações. Outros comboios ligarão Francfort a Praga e Varsóvia, pondo a França em comunicação com a Tchecoslováquia e Polónia, evitando que estes Estados fiquem dependentes de Hamburgo e de Dantzig.—Rádio.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

A solidariedade—força-me a natureza do assunto a falar seriamente por minutos—a solidariedade tem que ser entre os operários alguma coisa mais que uma palavra e um pretexto para laráchins. Das duas uma: ou se arraigam os princípios da solidariedade na consciência de cada trabalhador, ou não temos nada feito. Porque se a solidariedade, actualmente, vale e remedia muito, amanhã tornar-se há ela o elemento ético, insubstituível para garantir a estabilidade dum mundo melhor. A solidariedade praticada agora é como que um ensaio geral—e tem que se dizer, franquezinha franca, que este ensaio geral ainda deixa muito a desejar. Temos a solidariedade moral, que de vez em quando se esboroa em falências deploáveis. São vulgaríssimos, por essas oficinas, desgastados pueris entre camarádas que, se compreendessem melhor os seus interesses, e se os amparasse um superior critério de solidariedade, saberiam sofrer as irreflexas manifestações de egoísmo que os impulsionam para as atitudes condenáveis. Temos a solidariedade material: e mal vou também as cousas neste ponto. Uma subscrição iniciada há perto d'um ano, numa classe de milhares, e a favor das vítimas duma greve derrotada, liquidou na semana passada com uma totalidade de cem escudos, pouco mais ou menos. Assim não se faz nada. Uma outra subscrição, a favor duma actriz inválida, arrasta-se há um trimestre e está hoje em quarenta e seis mil réis. A quando da prolongada greve dos gráficos dos jornais, estando aberta, a favor destes, uma subscrição num estabelecimento gráfico do Estado, um operário medianamente remunerado, inscreveu-se... com meio tostão—e ficou naturalmente muito satisfeito com a sua consciência, convencido de que havia respeitado todos os seus deveres de solidariedade. Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

Assim não brinco. E ou a propaganda operária consegue inculcar noções do que seja a solidariedade a quantos as desconhecem, ou tornar-se há preferível expurgar o meio de elementos inúteis—embora à custa duma baixa da população sindical, aliás compensada pelo valor dos elementos permanentes.

O pessoal agitado

¿Serão agora atendidas as suas reclamações?

Anda o pessoal da Imprensa Nacional muito agitado por estar presente-

mente trabalhando, no que respeita a salário, em condições deveras incomportáveis com a actual carestia da vida, sucedendo, por exemplo, que os lugares de gráficos daquele estabelecimento do Estado, sendo, até há dois anos, preferidos pelos operários da indústria, são agora abandonados por muitos dos profissionais, que preferem vir exercer a sua actividade na indústria particular.

Casualmente encontramos-nos ontem com um camarada da Imprensa, com quem conversámos acerca da situação económica do pessoal do referido estabelecimento. E' inquirimos:

Salários verdadeiramente irrisórios

—Quais são os actuais salários do pessoal da Imprensa Nacional?

—Variam entre 1\$40 (salário dos serventes) e 3\$20 (salário dos chefes). Para melhor esclarecimento, dir-lhe-ei que o salário dos profissionais regula por 2\$30, muito menos de metade do que auferem os camaradas da indústria particular. Há, porém, na Imprensa Nacional grande diversidade de salários, o que, em minha opinião, representa um perigo para o próprio pessoal, porque quanto mais desigual são as situações, menos coesão se encontra na defesa dos interesses colectivos.

—E' assim, não há dúvida. E estou convencido que o pessoal da Imprensa passa grandes necessidades, pois não há possibilidade de se viver hoje com tais salários.

—Necessariamente. A situação económica do pessoal da Imprensa Nacional é deplorável, acredite, e para maior agravamento, tem uma cooperativa que, apesar de várias concessões que do Estado recebe n' sentido de facilitar a verdadeira missão do cooperativismo, vende géneros por preços mais elevados que qualquer mercadeiro, aos quais nós, à boca cheia, chamamos, e quasi sempre com justo motivo, ladrões.

—Estou vendo que nem a cooperativa vos atenua a situação na actual conjuntura. Mas nós sabemos que o pessoal já há muito tempo vem reclamando aumento de salário...

—Sim. Desde Janeiro último que vem agitando em vão semelhante reclamação.

—E o que pretendem os camaradas?

—Vai ouvir: aumento de 130 % sobre os salários não superiores a 2\$50, 120 % sobre os que vão além dessa quantia e equiparação da diuturnidade a que vigora nos outros estabelecimentos do Estado, ou seja eleva-lhe de \$10 a \$20 por cada período de cinco anos de serviço. Resta ainda referir-me a uma parte das reclamações, não menos importante. E' o pedido da subvenção de 1800 diário para os reformados, esses pobres velhos que, vítimas desde há muito de promettimentos ministeriais, merecem que o pessoal em activo serviço olhe para eles, defendendo-os.

—Atendendo a que o pessoal reclama melhoria de situação desde Janeiro, vejo que os governos tem votado ao abandono as vossas reclamações.

—Sem dúvida. Prometem sempre, vão empantando, depois caem e, assim, nada se tem conseguido. O tempo passa, as condições de vida agravam-se e o pessoal vê-se na contingência de, de quando em quando, alterar as pretensões em sentido aumentativo, mas sem

assim poderemos quebrar as cadeias da nossa escravidão, incitando-os ao mesmo tempo para que comprem ou assinem o jornal dos oprimidos, porque é esse o nosso dever.

Como sabemos que *A Batalha* não é rica, tomamos a liberdade de enviar a importância de dois escudos, para auxílio da sua publicação, que é tam necessária a todos nós, comprometendo-nos a concorrer todos os meses com igual quantia.—Dois criados de mesa do Estoril.

A estes dois novos camaradas, cujas palavras nos sensibilizam, temos a dizer que *A Batalha* cumpre e cumprirá sempre o seu dever, sendo necessário que os trabalhadores não se esqueçam de cumprir também o deles, para que ela viva e um dia possamos todos gozar da felicidade e da liberdade a que todo o homem tem direito.

Em favor de *A BATALHA*

Realiza-se no próximo sábado, 10, no Barreiro, uma recita promovida pelo Grupo Dramático e Musical Solidário da Construção Civil de Lisboa, com a coadiuvância do Sindicato da Construção Civil do Barreiro e dos camaradas ferroviários

